



AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA À AÇÃO DOCENTE

Gilmario de Souza Amorim¹

Eidson Lima Damasceno²

Karina Karla Rodrigues Miguel Nunes³

Aurília de Brito Lima⁴

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a visão dos docentes do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE em relação à avaliação diagnóstica. Foi realizada uma pesquisa de campo via formulário on-line a fim de elucidar tal questão. As discussões abordam o perfil dos educadores que fizeram parte da pesquisa, apresentando a média de idade deles, formação acadêmica e o tempo de atuação na educação básica, bem como o ponto de vista por eles apresentado em relação aos seguintes pontos: para que serve a avaliação; em que momento ela deve ser pensada; se questões de ordem filosófica, sociológica e/ou econômica devem ser levadas em consideração no momento da avaliação; a importância da avaliação diagnóstica e o que deve ser feito a partir de seus resultados, fechando essa seção com um recorte visionário sobre o papel da avaliação diagnóstica no contexto em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos. O estudo aponta-se nas contribuições de Perrenoud (1999), Luckesi (2003), Hoffmann (2009), Camargo (2010) e Medeiros (2014). Conclui-se que um dos pontos mais importantes o fato de a avaliação diagnóstica apontar caminhos para novas oportunidades de aprendizagem, levando professores a refletirem sobre fragilidades detectadas no início ou no decorrer de um processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação diagnóstica, Perfil dos educadores, Ensino e aprendizagem, Resultados.

INTRODUÇÃO

O processo avaliativo é inerente à ação humana. No contexto educacional a avaliação está presente com maior destaque e se desdobra em ações que, ao longo da história, parecem ser voltadas para de alguma forma aferir a aprendizagem dos alunos. No tocante à avaliação diagnóstica, sabe-se que ela busca identificar as fragilidades e/ou potencialidades de

¹ Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Alfredo Nasser – UNIFAN, gilmarioamorim@hotmail.com;

² Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE, e.ldamasceno@hotmail.com;

³ Especialista em Educação inclusiva e especial pela Faculdade Futura, karinakarlanunes@hotmail.com;

⁴ Professora orientadora: Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE, auriliabritolima@hotmail.com.



aprendizagem do aluno com o intuito de escolher a metodologia de trabalho mais adequada a ser utilizada pelo professor.

O conceito de avaliação é algo que vem sendo amplamente discutido no campo educacional, mas que ainda é permeado por divergências entre muitos docentes e pensadores da área. Nesse estudo, buscou-se analisar de forma mais sistemática o que os professores do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE pensam a respeito da avaliação diagnóstica. Desse modo, ao apresentar os resultados obtidos nesse estudo, comparando-os com a literatura existente sobre a temática é possível contribuir de forma significativa para professores e pesquisadores da área, provocando uma reflexão entre o que acontece na teoria e na prática.

De forma mais ampla esse estudo objetivou refletir sobre a visão dos docentes do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE em relação à avaliação diagnóstica, ao passo em que de modo mais específico, objetivou-se conhecer o perfil desses educadores, bem como refletir sobre o processo avaliativo a partir de questões de ordem filosófica, sociológica e/ou econômica.

O caminho metodológico adotado para este estudo buscou levantar dados acerca da temática, partindo para uma abordagem quantitativa, e analisando a relação da realidade do objeto estudado com a literatura existente. Para tanto, foi feita uma pesquisa de campo, via formulário on-line em virtude da pandemia provocada pelo novo coronavírus. O formulário foi disponibilizado em um grupo de whatsapp com professores do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE.

As discussões acerca dos resultados aqui apresentados abordam de maneira sucinta o perfil dos educadores que fizeram parte da pesquisa, apresentado a média de idade deles, formação acadêmica e o tempo de atuação na educação básica. Prossegue-se com algumas considerações acerca da prática pedagógica dos sujeitos envolvidos, destacando os seguintes pontos: para que serve a avaliação; em que momento ela deve ser pensada; se questões de ordem filosófica, sociológica e/ou econômica devem ser levadas em consideração no momento da avaliação; a importância da avaliação diagnóstica e o que deve ser feito a partir de seus resultados. Por fim e não menos importante, apresenta-se um recorte visionário sobre o papel da avaliação diagnóstica no contexto em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos.

A partir das discussões que aqui foram propostas, depreende-se que é possível contribuir com a comunidade acadêmica sobre a temática apresentada, uma vez que elas provocam um processo de reflexão, que por sua vez, contribui para análises de práticas



adotadas. Esse tipo de postura, em si, já pode se configurar como um processo de transformação.

METODOLOGIA

Na tentativa de conhecer a visão dos docentes do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE em relação à avaliação diagnóstica, esta pesquisa caracterizou-se como explicativa, que segundo Xavier (2014, p.46) “consiste em aprofundar a realidade observada para compreender seus pormenores”. Nessa perspectiva, foi feito um levantamento de dados, por amostragem, acerca da temática em questão.

A *posteriori* partiu-se para uma abordagem qualitativa, buscando verificar a relação da realidade do objeto de estudado com a literatura existente, para tanto, foi feita uma pesquisa via formulário on-line em virtude da pandemia provocada pelo novo coronavírus, que dificulta o contato presencial.

O formulário foi disponibilizado em um grupo de whatsapp com professores do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE, o qual, na data do envio do formulário, comportava 132 participantes. Depois de 08 dias do envio, 14 pessoas responderam ao questionário, que dispunha de um texto introdutório, no qual estava explícito o objetivo geral da pesquisa, bem como sua finalidade, além da garantia de anonimato dos participantes. Cabe ressaltar que os professores concordaram em participar da pesquisa e ficaram cientes do uso de seus resultados para esse fim.

Optou-se por esse tipo de pesquisa, pois se considera que ele ofereça mais sustentação para análise e interpretação dos resultados esperados. Corroborando com isso, sobre a análise de dados, Gil (2008, p.175) diz que ela “tem como objetivo organizar e sumarizar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema para a investigação”, o que vai de encontro à proposta inicial aqui levantada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos grandes desafios da educação contemporânea consiste na resignificação de pressupostos metodológicos e epistemológicos que envolvem a temática avaliação. Resignificar tais pressupostos, porém, perpassa diretamente pela visão que o educador, enquanto agente avaliador tem de homem e de sociedade, compreendendo as mudanças nela



ocorridas ao longo do tempo e se despidendo de práticas, passadas de geração em geração, que pouco contribuem para a formação integral do aluno.

Sobre práticas tradicionais de avaliação, Perrenoud (1999, p.11) coloca que “os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida no absoluto ou encarbada pelo professor e pelos melhores alunos”. Apesar de o processo avaliativo ser algo complexo, é preciso que se enxergue a avaliação para além disso, pois, o ato de avaliar não pode e não deve ser compreendido como sinônimo de classificação pura e simplesmente.

Considerando avaliar um ato complexo, que faz parte da vida cotidiana, em que é preciso assumir opiniões concretas que ajudem nas tomadas de decisões em busca da construção de habilidades, ideias e ideologias, faz-se necessário contextualizar a avaliação da aprendizagem como parte indissociável do planejamento docente. (VASCONCELLOS, 2009).

Falar de avaliação nos dias atuais requer uma reflexão profunda acerca do tema, pensando no aluno equanto sujeito de uma aprendizagem que gere significado para ele. Nessa perspectiva, assume lugar de destaque a avaliação da aprendizagem, em que professores e alunos trabalham como aliados em busca da concretização de um mesmo objetivo, em que um não se efetiva sem a realização mútua do outro. É como se fosse um processo de mediação do conhecimento que deve ser construído. A avaliação mediadora evolui no campo de ações de reflexão, provocando desafios ao educador na constante busca pela contribuição, elucidação, favorecimento à troca de ideias entre os sujeitos envolvidos no processo educacional e/ou avaliativo, com vistas à superação do saber transmitido, evidenciando uma produção de saber construído a partir da compreensão dos fenômenos abordados (HOFFMANN, 2009).

Com base nas contribuições dos autores, percebe-se a importância de se pensar em avaliação na perspectiva da aprendizagem. Contudo, nesse estudo foi feito um recorte para avaliação diagnóstica, partindo do pressuposto de avaliação enquanto objeto de transformação de práticas. A avaliação da aprendizagem, por si, já pode ser compreendida como diagnóstica, uma vez que ao perceber fragilidades em habilidades, direciona práticas para correção das mesmas durante um ciclo e/ou processo. Para que a avaliação da aprendizagem seja, também, diagnóstica é preciso que ela leve em consideração o crescimento do educando (LUCKESI, 2003). Partindo dessa premissa, a avaliação diagnóstica não pode ser pensada desconsiderando o contexto de avaliação da aprendizagem.



Avaliação Diagnóstica: algumas considerações

Ao analisar as diversas contribuições da literatura existente sobre avaliação diagnóstica, foi possível constatar que não há, por parte de estudiosos na área, um conceito uniforme do termo. Contudo, a partir das análises feitas, pode-se compreendê-la como uma ação avaliativa que busca conhecer as dificuldades e as potencialidades do aluno e, que pode ser realizada no início de um processo de ensino e aprendizagem e ao longo dele.

Pode-se dizer que a avaliação diagnóstica busca evidenciar as fragilidades e potencialidades dos alunos frente a um objetivo proposto, podendo direcionar as práticas de ensino mais adequadas e possíveis de serem utilizadas pelos professores. Considera-se que ela é indispensável em qualquer etapa do desenvolvimento escolar, contudo, não é incomum que essa prática seja mais forte na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, razão pela qual optou-se por analisar de forma particular a visão de um grupo de professores do 2º ano do ensino fundamental sobre esse tipo de avaliação.

Ao se considerar que, ao adentrar o 2º ano do ensino fundamental as crianças, devem aprofundar as habilidades que foram introduzidas no seu processo de alfabetização, mas que ainda não foram consolidadas é de suma importância que se faça uma avaliação diagnóstica para saber que habilidades precisam ser aprofundadas ou até mesmo introduzidas, a fim de resgatar aprendizagens já existentes para que os alunos avancem no processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, Camargo (2010, p.14) nos diz que esse tipo de avaliação “acontece geralmente no começo do ano letivo antes do planejamento, onde o professor verifica os conhecimentos prévios dos alunos, o que eles sabem e o que não sabem sobre os conteúdos. Não tem a finalidade de atribuir notas”.

A autora corrobora com o pensamento de que a avaliação diagnóstica não tem como função atribuir notas e classificar os alunos, mas sim de perceber a situação de aprendizagem em que cada um deles se encontra, para que, a partir daí, o professor possa direcionar seu planejamento e pensar nas práticas que vai adotar.

Ter esse ponto de partida já no início do ano letivo no 2º ano do ensino fundamental permite ao professor traçar mecanismos de intervenções que, porventura, precisem ser feitas no início do ano letivo, para que as dificuldades encontradas sejam sanadas em tempo hábil. Todavia, para que isso aconteça, o docente deve estar envolto nas concepções que a avaliação é, também, um ponto de partida para a mudança de práticas pedagógicas que não surtem



efeitos esperados, e que tal situação, nem sempre está relacionada com a falta de conhecimento dos alunos.

Há situações em que a falta de conhecimento dos alunos pode ser fruto das práticas de ensino adotadas pelo professor. Nesse sentido, a avaliação diagnóstica, na visão de Luckesi (2003, p.82), “não se propõe e nem existe de forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica progressista”. Depreende-se que, de acordo com as informações obtidas numa avaliação diagnóstica, é possível planejar intervenções necessárias a fim de que os estudantes atinjam os objetivos esperados.

Entende-se que a avaliação diagnóstica seja compreendida como mudança de postura, mas para que isso aconteça, de acordo com Medeiros (2014, p.30) “[...] os professores [...] devem pensar em ações para serem aplicadas em sala de aula com o intuito de melhorar o aprendizado dos alunos naqueles conteúdos [...]”. Com base nisso, depreende-se que a partir da avaliação diagnóstica pode-se averiguar a posição que o educando se encontra frente às aprendizagens que lhe serão propostas.

A avaliação diagnóstica no processo de alfabetização é indispensável para a tomada de decisões do professor, a fim de alcançar os objetivos propostos para cada processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, o documento elaborado pelo Ministério da Educação Cultura: Indagações sobre currículo aponta que “a educação escolar é cheia de intenções, visa atingir determinados objetivos educacionais, sejam estes relativos a valores, atitudes ou aos conteúdos escolares” (BRASIL, 2007, p. 20). A partir dessa afirmativa, compreende-se o processo avaliativo como uma atividade inerente ao processo pedagógico, que inclui ações que implicam de forma direta na ação educativa (BRASIL, 2007).

De acordo com as contribuições desse documento, percebe-se que toda ação educativa é fruto de objetivos previamente traçados. Assim, a avaliação diagnóstica permite ao professor mensurar em que grau esses objetivos estão ou não sendo alcançados, para que, a partir dessa mensuração direcionar as ações que permearão sua prática, visando sempre o desenvolvimento do educando.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adoção de práticas inovadoras dentro dos espaços escolares tem sido cada vez mais objeto de discussão entre estudiosos da área. No campo da avaliação diagnóstica isso não é diferente. Todavia é preciso romper com as barreiras do conservadorismo e abrir espaço para



o diálogo e a reflexão acerca de práticas pedagógicas adotadas, visando sempre o protagonismo do aluno. Nessa perspectiva, faz-se necessário conhecer a ponto de vista dos professores do 2º ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Petrolina – PE.

O perfil dos professores do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE

Considerando que as concepções de um sujeito sobre determinada situação perpassa pela visão que ele tem de mundo, de homem e de sociedade, e que essa visão está também relacionada à geração da qual esse sujeito é oriundo, para melhor compreender o ponto de vista dos professores que fizeram parte da pesquisa, buscou-se saber, primeiramente, a idade deles.

Sobre o perfil dos educadores 57,1% deles afirmaram ter 36 anos ou mais; 35,7% estão 31 e 35 anos de idade e 7,1% estão entre 26 e 30 anos. A partir dessa análise é possível perceber que a maioria dos professores tem mais 30 anos. O que pode significar que muitos deles já têm algum tempo de experiência na docência e tem contatos com práticas avaliativas.

A formação docente é algo que implica diretamente nas práticas pedagógicas, uma vez que o conhecimento é uma fonte inesgotável e que é preciso aliar a prática às teorias existentes. Nesse sentido, saber a formação acadêmica do grupo de professores, torna-se relevantes para compreender seu ponto de vista. A partir dos dados coletados percebeu-se que 78,6% já são especialistas e que 21,4% são graduados. Observa-se que a maioria dos professores já possui pós-graduação *latu sensu* e uma pequena quantidade está em nível de graduação. Embora não haja nenhum professor com pós-graduação *strictu sensu*, depreende-se que há uma preocupação com formação continuada, uma vez que a maioria já é especialista.

O tempo de atuação na educação básica também diz muito sobre a postura de um professor. No tocante a essa questão, é possível perceber, analisando o gráfico abaixo, que metade dos professores tem mais de 05 (cinco) anos de experiência na educação básica, reforçando o que foi apresentado no primeiro gráfico. Apenas 01 (um) dos 14 (catorze) professores que responderam a pesquisa está no seu primeiro ano de atuação. Espera-se que, com o passar dos anos, a experiência adquirida sirva de subsídios para a mudança de postura no campo avaliativo, quando essa se fizer necessária.



É importante frisar, contudo, que o pouco tempo de experiência não é sinônimo de práticas ruins. O que se busca destacar aqui é o fato de que a avaliação diagnóstica revela caminhos a serem seguidos, que muitas vezes, mexe com os brios de professores experientes, que se valem de práticas sem êxito para o processo de ensino e aprendizagem e, que podem se revelar resistentes a mudanças. Sobre essa questão, constatou-se que 50% dos professores atua na educação básica de 6 a 10 anos; 21,4% atua de 2 a 5 anos; o mesmo percentual identificado para quem atua há 11 anos ou mais ao passo em que apenas 7,1% estão no seu primeiro ano de atuação.

A avaliação diagnóstica na visão dos professores do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE

A avaliação diagnóstica é importante, mas saber o que os atores diretamente envolvidos no processo avaliativo pensam sobre ela é indispensável. Por isso os professores que aceitaram fazer parte desta pesquisa foram questionados sobre alguns pontos considerados pertinentes sobre a temática.

Nessa perspectiva, o primeiro questionamento feito foi em relação ao que vem a ser o processo avaliativo. Sobre 85,7% dizem que avaliam para mensurar resultados no início, durante e/ou a final de um processo. 7,1% dizem que o fazem para nortear possíveis práticas de intervenções e, outros 7,1% dizem que o processo avaliativo serve para perceber como está o processo de ensino e aprendizagem e, caso não esteja acontecendo a contento, reavaliam suas práticas em busca da concretização dos objetivos.

Analisando as respostas dadas ao questionamento feito, percebe-se que a maioria dos professores diz o que o processo avaliativo serve para mensurar resultados no início, durante e/ou no final de um processo. Não se pode considerar essa afirmativa como errada, no entanto, esse não deve e não pode ser o único objetivo da avaliação. Para avaliar na perspectiva de transformar, é preciso pensar nos processos de ensino e aprendizagem e, caso estes não estejam acontecendo, reavaliar as práticas pedagógicas é uma boa saída.

Sabendo-se que a avaliação é uma atividade que permeia o processo educacional, é preciso pensar no momento em que se deve avaliar. Sobre essa questão, 71,4% dos professores dizem fazê-lo ao longo de um processo; 21,4% preferem fazê-lo no início de um processo e os outros 7,1% o fazem sempre que percebem a necessidade. Há um alinhamento de ideias entre os professores, tendo em vista que mais de 70% deles pensam que a avaliação



precisa ser pensada ao longo de um processo, pois ao ser feita, é possível diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos alunos e buscar corrigi-las em tempo hábil.

Avaliar levando em consideração o perfil dos sujeitos avaliados é uma prática de avaliação transformadora. Sobre isso, os professores foram indagados se costumam levar em consideração questões de ordem filosófica, sociológica e/ou econômica. Sobre essa questão 85,7% compreendem que essas questões influenciam direta ou indiretamente no rendimento escolar dos alunos. Os outros 14,3% dizem que só pensam de vez em quando, a depender da disponibilidade de tempo.

Já no tocante à avaliação diagnóstica, especificamente, foram unânimes aos reconhecer a importância dela, por acreditarem que ela pode apontar caminhos que devem ser seguidos. Em relação aos resultados da avaliação diagnóstica, quase 93% diz que busca redirecionar suas práticas/metodologias a fim de melhorar os resultados que não foram satisfatórios.

Muitas vezes não basta que o professor queira adequar suas práticas e mudar de postura quando for o caso. É preciso que o sistema educacional no qual ele esteja inserido lhe permita agir de tal maneira. Ao serem questionados se o papel da avaliação diagnóstica para o 2º ano do ensino fundamental de Petrolina está sendo cumprido como deveria, apenas 14,3% respondem de forma positiva; 35,7% acreditam que esse é meramente burocrático e outros 50% consideram que apenas parte desse papel é cumprida, uma vez que o sistema educacional não dispõe de tempo suficiente para possíveis intervenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se os entraves que o processo avaliativo exige, sobretudo no que tange à avaliação diagnóstica, que muitas vezes implica numa percepção individualizada para cada aluno e na ruptura de práticas pedagógicas centradas no professor.

Uma das considerações mais importantes a que esse estudo nos leva, é o fato de avaliação diagnóstica apontar caminhos para novas oportunidades de aprendizagem, levando professores a refletirem sobre fragilidades detectadas no início ou no decorrer de um processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, é preciso valorizar cada passo dado pelo aluno na construção de seu conhecimento.

Frente aos objetivos propostos foi possível conhecer um pouco do perfil dos educadores do 2º Ano do Ensino Fundamental do município de Petrolina – PE, e perceber a



partir das respostas coletadas que eles buscam refletir sobre o processo avaliativo a partir de questões de ordem filosófica, sociológica e/ou econômica, por considerarem que influenciam de forma direta no processo educacional.

A partir das situações aqui levantadas, é possível contribuir com a comunidade acadêmica sobre a temática apresentada, uma vez que elas provocam um processo de reflexão, que por sua vez, contribui para análises de práticas adotadas e possíveis mudanças de posturas.

Em virtude da complexidade no processo avaliativo e a partir das considerações feitas até aqui, novas oportunidades de aprofundamento sobre a temática podem se dar a partir da análise de como a avaliação da aprendizagem e a avaliação diagnóstica conversam entre si, visando sempre o protagonismo do aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Indagações sobre o currículo: currículo e avaliação.** Brasília, 2007.

CAMARGO, Wanessa Fedrigo. **Avaliação da aprendizagem no ensino fundamental.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 15ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MEDEIROS, Daniela Silva Mendes. **A avaliação diagnóstica da Secretaria da Educação do Estado de Goiás: das intenções às ações.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

PERRENOUD, Phillippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita. **Avaliação & ética.** 2. ed. Londrina: Eduei, 2009.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos: ciências humanas e sociais aplicadas: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, TCC, projeto, slide.** Recife: Rêspel, 2014.